ReGeo ISSN: 2177-3246

MEMÓRIA PRAGMÁTICA: A INFLUÊNCIA DAS INTERAÇÕES PASSADAS NA INTERPRETAÇÃO PRESENTE

PRAGMATIC MEMORY: THE INFLUENCE OF PAST INTERACTIONS ON PRESENT INTERPRETATION

MEMORIA PRAGMÁTICA: LA INFLUENCIA DE LAS INTERACCIONES PASADAS EN LA INTERPRETACIÓN PRESENTE

https://doi.org/10.56238/revgeov17n10-196

Data de submissão: 27/09/2026 **Data de publicação:** 27/10/2026

Robert Marcos Moreira dos Santos
Doutorando em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística
Instituição: Universidade de Brasília (UnB)
E-mail: marcosrobert74@gmail.com

Gabriel Dias Vidal Azevedo
Doutorando em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística
Instituição: Universidade de Brasília (UnB)
E-mail: gabsazevedounb@gmail.com

Gilha Crispim Cardoso dos Santos
Mestra em Linguística Aplicada
Instituição: Universidade de Brasília (UnB)
E-mail: gilha.crispim@gmail.com

Bruna Santos Pereira
Mestra em Literatura
Instituição: Universidade de Brasília (UnB)
E-mail. bruna.spereira@hotmail.com

Vania Alves Beneveli
Mestra em Linguística
Instituição: Universidade de Brasília (UnB)
E-mail: vania.beneveli@gmail.com

RESUMO

A interpretação pragmática é constituída na interação e depende de fatores que ultrapassam a materialidade linguística dos enunciados, envolvendo conhecimentos, expectativas, inferências, enquadres e condições contextuais. Embora diferentes perspectivas da Pragmática e da Sociolinguística Interacional reconheçam a importância desses elementos, a dimensão histórica das relações comunicativas ainda pode ser mais explicitamente incorporada à discussão sobre a construção do sentido. Este artigo propõe e delimita o conceito de Memória Pragmática, compreendido como o conjunto de experiências comunicativas anteriormente vivenciadas pelos interlocutores e das representações, expectativas, referências e padrões interacionais que delas podem decorrer e ser mobilizados na construção e interpretação de sentidos em interações posteriores. O estudo adota uma perspectiva qualitativa e interpretativista, tomando como objeto analítico não a memória enquanto fenômeno neurológico, mas os indícios discursivos e interacionais de mobilização de experiências anteriores. Para fundamentar a proposta, articulam-se contribuições da Pragmática, especialmente de

Austin, Searle, Grice, Levinson, Sperber e Wilson, Stalnaker e Clark, às contribuições interacionais de Goffman, Tannen e Wallat, Goodwin e Duranti, Gumperz, Hymes e Albuquerque. Argumenta-se que a Memória Pragmática não se confunde com contexto, *common ground* ou simples memória da interação, pois corresponde à função pragmática que experiências anteriores podem assumir na interpretação presente. Sustenta-se, ainda, que a incorporação dessa dimensão permite compreender a interpretação pragmática como situada, interacional e histórica. Os episódios apresentados possuem caráter ilustrativo e heurístico, não constituindo resultados de um corpus longitudinal. Ao final, propõe-se a investigação futura de processos de sedimentação pragmática em relações comunicativas continuadas.

Palavras-chave: Pragmática. Memória Pragmática. Interação. Histórico Comunicativo. Interpretação. Sociolinguística Interacional.

ABSTRACT
Pragmatic interpretation is formed within interaction and depends on factors that transcend the linguistic materiality of utterances, encompassing knowledge, expectations, inferences, frames, and contextual conditions. Although various perspectives within Pragmatics and Interactional Sociolinguistics acknowledge the importance of these elements, the historical dimension of communicative relationships could be more explicitly incorporated into the discussion on the construction of meaning. This article proposes and defines the concept of "Pragmatic Memory"—understood as the set of communicative experiences previously lived by interlocutors, along with the representations, expectations, references, and interactional patterns that may arise from them and be mobilized in the construction and interpretation of meaning during subsequent interactions. The study adopts a qualitative, interpretivist perspective, focusing its analysis not on memory as a neurological phenomenon, but rather on the discursive and interactional traces that indicate the mobilization of prior experiences. To substantiate this proposal, the work integrates contributions from Pragmatics—specifically those of Austin, Searle, Grice, Levinson, Sperber and Wilson, Stalnaker, and Clark—with interactional perspectives from Goffman, Tannen and Wallat, Goodwin and Duranti, Gumperz, Hymes, and Albuquerque. It is argued that Pragmatic Memory is distinct from context, "common ground," or a simple recollection of an interaction; rather, it refers to the pragmatic function that past experiences can assume in present-day interpretation. Furthermore, it is maintained that incorporating this dimension allows for an understanding of pragmatic interpretation as situated, interactional, and historical. The episodes presented serve an illustrative and heuristic purpose and do not constitute the findings of a longitudinal corpus study. Finally, the article suggests future research into the processes of "pragmatic sedimentation" within ongoing communicative relationships.

Keywords: Pragmatics. Pragmatic Memory. Interaction. Communicative History. Interpretation. Interactional Sociolinguistics.

RESUMEN
La interpretación pragmática se constituye en la interacción y depende de factores que trascienden la materialidad lingüística de los enunciados, involucrando conocimientos, expectativas, inferencias, marcos y condiciones contextuales. Si bien diversas perspectivas de la Pragmática y de la Sociolingüística Interaccional reconocen la importancia de estos elementos, la dimensión histórica de las relaciones comunicativas aún puede incorporarse de manera más explícita a la discusión sobre la construcción del sentido. Este artículo propone y delimita el concepto de Memoria Pragmática, entendido como el conjunto de experiencias comunicativas vividas previamente por los interlocutores, así como las representaciones, expectativas, referencias y patrones interaccionales que de ellas pueden derivarse y movilizarse en la construcción e interpretación de sentidos en interacciones posteriores. El

estudio adopta una perspectiva cualitativa e interpretativista, tomando como objeto de análisis no la memoria como fenómeno neurológico, sino los indicios discursivos e interaccionales de la movilización de experiencias previas. Para fundamentar la propuesta, se articulan contribuciones de la Pragmática —especialmente de Austin, Searle, Grice, Levinson, Sperber y Wilson, Stalnaker y Clark— con los aportes interaccionales de Goffman, Tannen y Wallat, Goodwin y Duranti, Gumperz, Hymes y Albuquerque. Se argumenta que la Memoria Pragmática no debe confundirse con el contexto, el *common ground* (terreno común) o la simple memoria de la interacción, ya que corresponde a la función pragmática que las experiencias previas pueden asumir en la interpretación presente. Asimismo, se sostiene que la incorporación de esta dimensión permite comprender la interpretación pragmática como situada, interaccional e histórica. Los episodios presentados tienen un carácter ilustrativo y heurístico, y no constituyen resultados derivados de un corpus longitudinal. Finalmente, se propone investigar, en futuros estudios, los procesos de sedimentación pragmática en relaciones comunicativas continuadas.

Palabras clave: Pragmática. Memoria Pragmática. Interacción. Historial Comunicativo. Interpretación. Sociolingüística Interaccional.

1 INTRODUÇÃO

Imagine-se uma situação aparentemente simples em uma reunião de trabalho. Um participante pergunta a outro: “E o relatório?”. Isoladamente, o enunciado pode ser interpretado como uma solicitação de informação acerca do andamento de determinada tarefa. Entretanto, se os dois interlocutores já haviam conversado sobre o relatório no dia anterior, se uma entrega havia sido prometida e se situações semelhantes já haviam ocorrido, a mesma pergunta pode adquirir um sentido bastante diferente. Ela pode funcionar como cobrança, advertência, manifestação de impaciência ou retomada de um compromisso anterior. O que se modifica, nesse caso, não é necessariamente a estrutura linguística do enunciado, mas a relação entre aquilo que é dito no presente e aquilo que já aconteceu entre os participantes.

Situações dessa natureza mostram que os interlocutores não iniciam todas as interações a partir de um ponto absolutamente neutro. As experiências anteriores podem produzir expectativas, referências, formas recorrentes de interpretar determinados enunciados e maneiras particulares de reconhecer comportamentos. Uma expressão pode adquirir um valor específico em determinada relação; um silêncio pode ser interpretado de maneira distinta em função de experiências anteriores; uma mudança de tom pode ser reconhecida como sinal de irritação por alguém que já vivenciou situações semelhantes com aquele interlocutor. A interpretação presente pode, portanto, carregar marcas de uma trajetória comunicativa.

A Pragmática oferece fundamentos importantes para compreender essa dimensão situada da linguagem. Desde Austin (1962), a linguagem pode ser compreendida como ação realizada em circunstâncias específicas. Searle (1969) desenvolve essa perspectiva ao sistematizar a teoria dos atos de fala, enquanto Grice (1975) demonstra que a interpretação do que é comunicado ultrapassa frequentemente o conteúdo convencional dos enunciados. Levinson (1983) amplia a discussão sobre os processos inferenciais envolvidos na interpretação pragmática, e Sperber e Wilson (1986) enfatizam a relevância como princípio orientador da comunicação e da interpretação. Em outra direção, Stalnaker (1978) e Clark (1996) mostram a importância dos conhecimentos compartilhados e dos processos de coordenação entre interlocutores.

A Sociolinguística Interacional acrescenta a esse percurso uma compreensão da linguagem como atividade situada entre participantes concretos. Goffman (1964, 1967, 1974, 1983), ao discutir a situação negligenciada, a ordem da interação e os enquadres, desloca a atenção para a organização social dos encontros. Tannen e Wallat (1987) relacionam enquadres interacionais e esquemas de conhecimento, enquanto Goodwin e Duranti (1997) defendem uma compreensão dinâmica do contexto. Gumperz (1982), por sua vez, mostra como pistas contextualizadoras participam dos

processos de inferência e interpretação. Hymes (1964, 1972a, 1972b) contribui para compreender a competência comunicativa e sua relação com práticas sociais situadas.

Albuquerque (2022), ao articular essas contribuições, enfatiza uma noção de interação mais adensada, em que a interação deixa de ser apenas o espaço no qual a linguagem acontece e passa a constituir uma categoria relevante para a análise da construção do sentido. Em seu percurso, o autor relaciona situação interacional, *frames*, *footings*, contexto, pistas contextualizadoras e competência interacional, mostrando como esses elementos participam da construção situada dos sentidos.

Esse conjunto de contribuições permite reconhecer que a interpretação pragmática não pode ser explicada exclusivamente pela estrutura linguística. O sentido é produzido em situações concretas, por participantes que mobilizam conhecimentos, reconhecem enquadres, interpretam pistas, avaliam intenções e ajustam seus posicionamentos no curso da interação. A questão que emerge deste artigo é, portanto, uma extensão temporal desse problema: de onde vêm parte das expectativas, referências e conhecimentos que os participantes mobilizam em uma interação presente?

A hipótese teórica desenvolvida neste trabalho é que parte desses recursos pode resultar da própria história comunicativa dos interlocutores. Experiências anteriores podem permanecer disponíveis para utilização em interações posteriores, tornando-se relevantes para a interpretação de novos acontecimentos. O passado, nesse sentido, não desaparece completamente quando uma interação termina; determinadas experiências podem continuar participando da forma como os participantes compreendem aquilo que acontece posteriormente.

É nesse espaço teórico que se propõe o conceito de Memória Pragmática. Neste artigo, entende-se por Memória Pragmática o conjunto de experiências comunicativas anteriormente vivenciadas pelos interlocutores e das representações, expectativas, referências e padrões interacionais que delas podem decorrer e ser mobilizados na construção e interpretação de sentidos em interações posteriores.

O objetivo do artigo é propor e delimitar conceitualmente essa categoria, diferenciando-a de noções próximas, como contexto, *common ground*, memória da interação e histórico comunicativo. Busca-se, ainda, discutir de que maneira a incorporação da dimensão histórica pode contribuir para a compreensão da interpretação pragmática.

A questão central que orienta a discussão pode ser formulada da seguinte maneira: como o passado se torna discursivamente relevante no presente? A resposta proposta é que experiências comunicativas anteriores podem adquirir relevância pragmática quando são mobilizadas na interpretação, na avaliação, na expectativa ou na organização de ações presentes. O artigo adota uma perspectiva qualitativa e interpretativista. Não se pretende medir a memória dos participantes, estabelecer relações quantitativas ou propor um modelo psicológico ou neurológico da memória. O

interesse está na dimensão discursiva e interacional do fenômeno: observar como a experiência anterior pode aparecer como recurso interpretativo em interações posteriores. Os episódios apresentados ao longo do trabalho são, portanto, ilustrativos e heurísticos. Eles não devem ser entendidos como resultados de um corpus empírico longitudinal.

A contribuição pretendida está na sistematização de uma categoria que torne mais explícita a dimensão histórica da interpretação pragmática. Até onde permite verificar a literatura mobilizada neste estudo, a proposta não reside simplesmente na combinação dos termos "memória" e "pragmática", mas na formulação de uma arquitetura conceitual específica para compreender como experiências comunicativas anteriores podem tornar-se recursos de interpretação em interações posteriores.

2 PRAGMÁTICA, INTERAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

A compreensão da linguagem como atividade situada constitui um dos principais pontos de aproximação entre a Pragmática e as abordagens interacionais. Em vez de considerar o sentido como propriedade inteiramente determinada pela estrutura linguística, essas perspectivas procuram compreender como os participantes produzem, interpretam e negociam significados em situações concretas de uso.

Em *How to Do Things with Words*, Austin (1962) desloca a atenção da linguagem como representação para a linguagem como ação. Ao produzir um enunciado, o falante não apenas descreve um estado de coisas, mas realiza uma ação em determinadas circunstâncias. A distinção entre atos locucionários, ilocucionários e perlocucionários evidencia que a compreensão de um enunciado depende também daquilo que os participantes fazem por meio dele.

Searle (1969) sistematiza essa dimensão por meio da teoria dos atos de fala, mostrando que os enunciados são realizados em situações reguladas por condições específicas. A interpretação de uma manifestação linguística, portanto, não pode ser completamente dissociada das condições sociais e interacionais nas quais ela ocorre. Grice (1975), por sua vez, desloca a discussão para o campo da inferência, mostrando que aquilo que é comunicado não se reduz necessariamente ao conteúdo convencional das expressões utilizadas. Os interlocutores podem produzir e compreender implicaturas a partir de princípios cooperativos e de conhecimentos que ultrapassam aquilo que foi explicitamente dito.

Levinson (1983) amplia essa perspectiva ao mostrar que a interpretação pragmática envolve processos inferenciais pelos quais os interlocutores constroem sentidos que não estão integralmente codificados na materialidade linguística. Sperber e Wilson (1986), em outra vertente, enfatizam a

relevância como princípio orientador da interpretação, destacando a relação entre o que é produzido e os efeitos cognitivos considerados pertinentes pelos interlocutores.

Também o conhecimento compartilhado assume papel importante nesse processo. Stalnaker (1978) discute o *common ground* como conjunto de pressupostos compartilhados que sustenta a comunicação, enquanto Clark (1996) enfatiza a dimensão colaborativa do uso da linguagem e os processos pelos quais os interlocutores coordenam conhecimentos e ações. Esses trabalhos permitem perceber que interpretar um enunciado envolve mais do que reconhecer sua estrutura linguística: envolve relacioná-lo a conhecimentos e condições que tornam determinada interpretação possível ou relevante. Essas contribuições estabelecem uma primeira premissa fundamental para este artigo: o sentido pragmático não está inteiramente contido na materialidade linguística. Ele emerge da relação entre formas linguísticas, ações, intenções, inferências, conhecimentos e circunstâncias de uso. Essa premissa abre espaço para uma compreensão mais ampla da interação, na qual o contexto deixa de ser mero cenário externo e passa a integrar a própria atividade interpretativa.

A Sociolinguística Interacional aprofunda essa perspectiva ao colocar a interação no centro da análise. Goffman (1964) chama atenção para aquilo que denomina situação negligenciada, deslocando o olhar para as condições sociais dos encontros. Em *Interaction Ritual*, Goffman (1967) analisa a organização ritual da interação face a face e demonstra a importância dos sinais verbais e não verbais, das posições assumidas pelos participantes e das formas pelas quais a ordem interacional é produzida.

Essa preocupação encontra uma formulação particularmente importante em Goffman (1983), quando o autor propõe que a interação face a face seja compreendida como "um domínio analiticamente viável – um domínio que pode ser intitulado [...] a ordem interacional" (Goffman, 1983, p. 2). A formulação desloca a interação de uma posição secundária para um domínio próprio de investigação. A interação passa a constituir um espaço de organização das ações sociais, envolvendo não apenas palavras, mas também gestos, pausas, tons de voz, alinhamentos, identidades e outras dimensões da participação.

Em *Frame Analysis*, Goffman (1974) acrescenta a essa perspectiva a noção de enquadre. Os participantes não recebem os acontecimentos de maneira completamente neutra; precisam reconhecê-los e organizá-los a partir de estruturas interpretativas que orientam aquilo que consideram relevante. A situação, nesse sentido, é interpretada a partir de determinadas perspectivas. A noção de *footing*, desenvolvida por Goffman ([1979] 2002), acrescenta outra dimensão ao processo. Os participantes podem modificar seus alinhamentos, suas posições e suas formas de participação durante a interação. A interpretação depende, portanto, não apenas do conteúdo de uma fala, mas também da posição

assumida pelo participante em relação ao que diz, àquele a quem se dirige e à situação em que se encontra.

Tannen e Wallat (1987) aprofundam a relação entre enquadres e conhecimentos ao distinguirem os enquadres interacionais dos esquemas de conhecimento. As autoras mostram que os participantes organizam as situações a partir de expectativas sobre pessoas, acontecimentos, objetos e cenários. Essa relação entre enquadre e conhecimento é especialmente relevante para o argumento desenvolvido neste artigo porque permite perguntar como tais expectativas são construídas e mantidas ao longo da experiência interacional.

Goodwin e Duranti (1997) contribuem para esse percurso ao defenderem uma concepção dinâmica de contexto. O contexto não constitui simplesmente um conjunto de informações externas que o pesquisador acrescenta posteriormente à análise; ele participa da própria organização da situação e da interpretação das ações. O contexto é produzido, reconhecido e transformado no curso da atividade.

Gumperz (1982), por sua vez, demonstra que os participantes utilizam pistas contextualizadoras para sinalizar e interpretar propósitos comunicativos. O significado dessas pistas não pode ser compreendido de maneira inteiramente independente da situação em que aparecem. O interlocutor interpreta não apenas a forma produzida, mas também o modo como ela se articula ao contexto e à atividade em andamento.

Hymes (1964, 1972a, 1972b) acrescenta uma dimensão social a esse percurso ao mostrar que a competência comunicativa envolve conhecimentos sobre aquilo que é possível, viável, aceitável e realizável em determinadas comunidades e situações. Albuquerque (2022), articulando essas contribuições, destaca que a competência interacional coloca em primeiro plano a construção conjunta de sentidos em práticas discursivas situadas.

É justamente essa articulação entre situação, conhecimento e interação que conduz ao problema histórico. Se os participantes interpretam acontecimentos a partir de conhecimentos e expectativas, parte desses recursos pode ter sido constituída em experiências anteriores. A pergunta deixa de ser apenas como os interlocutores interpretam uma situação e passa a envolver também como a história de suas interações participa dessa interpretação.

3 DA SITUAÇÃO COMUNICATIVA AO HISTÓRICO COMUNICATIVO

A concepção interacional do contexto impede que ele seja reduzido às circunstâncias externas nas quais determinado enunciado é produzido. O contexto participa daquilo que os participantes reconhecem como relevante, da maneira como enquadram os acontecimentos e das inferências que

produzem durante a interação. Nesse sentido, Goodwin e Duranti (1997) afirmam que o contexto é "responsável por evocar a interpretação" (Goodwin; Duranti 1997, p. 3).

A formulação é importante porque estabelece uma relação direta entre contexto e atividade interpretativa. O contexto não é apenas aquilo que rodeia o discurso; ele participa das condições pelas quais o discurso pode ser compreendido. Albuquerque (2022), ao recuperar essa discussão, caracteriza o contexto como um *frame* que cerca o evento e dispõe de recursos para sua interpretação, ressaltando ainda que ele pode ser compreendido como dimensão em que conhecimentos, crenças, atitudes, sentimentos e outras formas de experiência participam das interações.

Essa concepção dinâmica de contexto permite avançar para uma questão temporal. Se o contexto participa da interpretação, os participantes podem mobilizar não apenas conhecimentos construídos na situação atual, mas também conhecimentos adquiridos em situações anteriores. Em uma relação continuada, os interlocutores podem já ter discutido determinado assunto, estabelecido acordos, experimentado conflitos, criado brincadeiras recorrentes ou desenvolvido formas particulares de interpretar determinadas expressões.

Consequentemente, uma interação presente pode conter elementos cujo valor pragmático não pode ser plenamente compreendido sem considerar sua trajetória. O enunciado "E o relatório?", por exemplo, pode funcionar como pergunta informativa em uma situação e como cobrança em outra. A diferença não precisa estar na estrutura linguística do enunciado, mas na relação entre o que é dito agora e o que já aconteceu anteriormente.

O histórico comunicativo não deve, contudo, ser entendido como uma simples soma das conversas anteriores. Nem tudo aquilo que aconteceu em uma relação permanece relevante. Algumas experiências desaparecem da atividade interpretativa, enquanto outras adquirem maior importância em situações posteriores. O histórico comunicativo corresponde, portanto, à trajetória de experiências anteriores na medida em que elas podem permanecer disponíveis para novas interpretações.

A noção de enquadre contribui para compreender essa continuidade. Goffman (1974) mostra que os participantes organizam acontecimentos por meio de estruturas interpretativas. Tannen e Wallat (1987), ao relacionarem enquadres interacionais e esquemas de conhecimento, evidenciam que as expectativas dos participantes fazem parte da maneira como uma situação é compreendida. As autoras afirmam que "os enquadres emergem de interações verbais e não verbais e são por elas constituídos" (Tannen; Wallat, 1987, p. 207). Essa formulação permite introduzir uma dimensão temporal na discussão: se os enquadres são constituídos nas interações, experiências anteriores podem contribuir para a maneira como situações posteriores são reconhecidas.

Uma relação continuada pode produzir expectativas sobre o comportamento de um interlocutor. Uma determinada expressão pode passar a ser reconhecida como brincadeira; determinado silêncio pode ser interpretado como desaprovação; uma mudança de tom pode sinalizar que uma conversa deixou de ser informal. Esses valores não precisam estar inscritos na expressão linguística em si. Podem decorrer da trajetória da relação.

Gumperz (1982) fornece elementos importantes para compreender esse processo ao discutir as pistas contextualizadoras. Os participantes sinalizam e interpretam propósitos comunicativos por meio de pistas que se ancoram em determinado contexto. Quando uma relação se prolonga, contudo, determinadas pistas podem adquirir significados particularmente relevantes para aqueles interlocutores. Uma entonação que possui várias possibilidades interpretativas em uma situação geral pode tornar-se relativamente previsível entre duas pessoas que já compartilharam diversas situações semelhantes. Um gesto aparentemente banal pode adquirir valor particular porque já foi utilizado anteriormente. Uma expressão pode remeter a um episódio conhecido apenas pelos participantes.

A história da relação passa, assim, a participar do processo de interpretação. Nesse sentido, é possível distinguir situação comunicativa e histórico comunicativo. A situação comunicativa corresponde às condições relevantes para a interação presente; o histórico comunicativo corresponde à trajetória de experiências comunicativas que pode ser mobilizada na interpretação dessa situação. O histórico não substitui o contexto atual, mas pode tornar-se parte dele quando determinadas experiências anteriores são recuperadas ou reconhecidas como pertinentes.

Essa dimensão histórica não deve ser entendida como determinismo. O passado pode orientar expectativas, mas a interação presente pode contrariá-las. Uma pessoa conhecida por responder de determinada maneira pode agir diferentemente; uma expressão anteriormente interpretada como ironia pode ser utilizada seriamente; uma expectativa construída em várias interações pode ser frustrada por uma nova experiência.

O histórico comunicativo é, portanto, simultaneamente contínuo e reconfigurável. O passado participa do presente, mas o presente também pode modificar a maneira como o passado é compreendido. É precisamente nessa relação entre continuidade e transformação que a noção de Memória Pragmática encontra seu espaço.

4 MEMÓRIA, CONHECIMENTO COMPARTILHADO E EXPERIÊNCIA INTERACIONAL

A introdução da dimensão histórica exige distinguir conceitos que podem parecer próximos, mas desempenham funções diferentes na construção do sentido. Entre eles estão o conhecimento compartilhado, a memória da interação e a experiência interacional. Stalnaker (1978) compreende o

common ground como conjunto de pressupostos compartilhados que sustenta a comunicação, enquanto Clark (1996) enfatiza os processos de coordenação pelos quais os interlocutores constroem e atualizam conhecimentos durante a atividade comunicativa. Essas contribuições são fundamentais para compreender a dimensão intersubjetiva do sentido, mas não esgotam a questão da memória histórica.

A Memória Pragmática não pode ser identificada com o *common ground* porque uma experiência pode ser relevante para um participante mesmo quando não é igualmente lembrada ou reconhecida pelo outro. Um interlocutor pode interpretar uma fala à luz de um acontecimento anterior que o outro participante não considera relevante ou do qual possui uma lembrança diferente. A assimetria pode ser observada, por exemplo, quando alguém afirma: "Você lembra do que aconteceu na outra reunião?". A própria pergunta pode revelar que o falante considera determinada experiência anterior relevante para a interação presente. O interlocutor, entretanto, pode responder que não se lembra ou que interpreta o acontecimento de outra maneira. O episódio anterior pertence à trajetória comunicativa dos participantes, mas não necessariamente ao mesmo conjunto de conhecimentos compartilhados.

Essa diferença é importante porque a Memória Pragmática não depende da existência de uma memória idêntica entre os participantes. Ela pode ser individual, relacional e assimétrica. O que interessa não é simplesmente saber se os participantes lembram, mas compreender se uma experiência anterior participa da interpretação da situação presente. A relação entre experiência e enquadre ajuda a esclarecer esse ponto. Tannen e Wallat (1987) afirmam que "os enquadres emergem de interações verbais e não verbais e são por elas constituídos" (Tannen; Wallat, 1987, p. 207). A formulação permite compreender que a experiência interacional pode contribuir para a constituição de recursos interpretativos utilizados posteriormente. Isso não significa imaginar que os interlocutores armazenem conscientemente uma lista de episódios. Experiências repetidas podem produzir expectativas e padrões de reconhecimento que são utilizados sem necessidade de uma recuperação explícita de cada acontecimento anterior. A experiência pode tornar-se relevante justamente porque se incorporou à maneira como determinada situação é percebida.

É necessário, nesse ponto, distinguir memória da interação e Memória Pragmática. A memória da interação pode ser compreendida como lembrança ou representação de acontecimentos comunicativos anteriores. A Memória Pragmática corresponde, de maneira mais específica, à função que experiências anteriores podem desempenhar na interpretação ou na organização da interação presente. Essa distinção pode ser observada em uma situação simples. Uma pessoa pode lembrar-se de uma conversa ocorrida há alguns meses sem que essa lembrança tenha qualquer consequência para o encontro atual. Em outra situação, entretanto, uma pequena expressão como "de novo?" pode recuperar

implicitamente uma experiência anterior e produzir uma cobrança, uma crítica ou uma expectativa. No segundo caso, a experiência anterior possui função pragmática.

A memória torna-se, então, recurso de interpretação. Essa perspectiva pode ser relacionada à discussão de Gumperz (1982) sobre a interpretação situada. O autor define a inferência como um "processo de interpretação situado ou vinculado ao contexto, por meio do qual os participantes, em uma conversa, avaliam as intenções dos outros e baseiam suas respostas" (Gumperz, 1982, p. 153). A definição enfatiza que a interpretação ocorre no interior de situações concretas e depende da avaliação realizada pelos participantes. A questão que emerge é saber quais conhecimentos e experiências podem participar desse processo. A proposta deste artigo é que experiências comunicativas anteriores podem constituir parte dos recursos disponíveis para essa interpretação quando permanecem pragmaticamente relevantes.

Essa disponibilidade, entretanto, não é estável. Uma experiência pode ser muito relevante em determinado momento e perder importância posteriormente. Uma expectativa pode ser confirmada por novas interações ou pode ser modificada. Uma interpretação pode ser reavaliada à luz de acontecimentos posteriores. Por isso, a Memória Pragmática deve ser entendida como dinâmica, seletiva e reconfigurável. Ela é relacional porque pode ser construída nas relações comunicativas; é assimétrica porque os participantes podem conservar experiências diferentes; é seletiva porque nem tudo permanece relevante; e é pragmática porque seu interesse analítico está na função que experiências anteriores desempenham na interpretação ou na organização da ação presente.

Essa delimitação também impede que a Memória Pragmática seja tratada como uma espécie de módulo psicológico independente. O artigo não propõe uma teoria neurológica da memória nem pretende determinar os mecanismos cognitivos responsáveis pelo armazenamento ou pela recuperação de experiências. O objeto é outro: os indícios discursivos e interacionais de que experiências anteriores estão sendo mobilizadas. A partir dessa distinção, torna-se possível formular a categoria proposta.

5 MEMÓRIA PRAGMÁTICA: PROPOSIÇÃO E DELIMITAÇÃO CONCEITUAL

A discussão desenvolvida até aqui permite estabelecer uma relação entre dois conjuntos de contribuições. De um lado, a Pragmática demonstrou que a interpretação depende das circunstâncias de uso, das ações realizadas, das inferências e dos conhecimentos mobilizados. De outro, a Sociolinguística Interacional mostrou que os participantes constroem sentidos por meio de enquadres, posicionamentos, pistas contextualizadoras e conhecimentos relacionados à situação.

Gumperz (1982) oferece uma formulação especialmente relevante para essa articulação ao afirmar que "embora tais pistas sejam portadoras de informação, os sentidos são expressos como parte

do processo interativo" (Gumperz, 1982, p. 131). A afirmação reforça a ideia de que o sentido não é simplesmente transportado por sinais previamente determinados. Ele emerge no processo interativo. Se o sentido emerge no processo interativo, é possível perguntar se esse processo pode incorporar experiências de interações anteriores. A proposta deste artigo é que sim. O presente pode ser interpretado a partir de experiências passadas quando essas experiências permanecem disponíveis e adquirem função na interação atual.

É nesse espaço teórico que se propõe o conceito de Memória Pragmática. Entende-se por Memória Pragmática o conjunto de experiências comunicativas anteriormente vivenciadas pelos interlocutores e das representações, expectativas, referências e padrões interacionais que delas podem decorrer e ser mobilizados na construção e interpretação de sentidos em interações posteriores. A definição contém quatro dimensões articuladas. A primeira é a anterioridade comunicativa: a Memória Pragmática pressupõe uma experiência anterior que possa participar de uma interação posterior. A segunda é a disponibilidade interpretativa: a experiência precisa permanecer, de alguma forma, acessível como recurso para a compreensão. A terceira é a função pragmática: a experiência anterior precisa desempenhar algum papel na interpretação, na expectativa, na avaliação ou na organização da ação presente. A quarta é a relação com a situação atual: uma experiência não é pragmaticamente relevante apenas porque existe, mas porque é articulada ao acontecimento presente.

Essa definição permite compreender a Memória Pragmática como uma dimensão histórica do contexto interpretativo. O conceito não corresponde a um arquivo geral de acontecimentos, nem à totalidade das lembranças de uma pessoa. Trata-se de uma categoria voltada especificamente para as experiências comunicativas anteriores na medida em que podem ser mobilizadas pragmaticamente. A distinção em relação ao contexto é importante. O contexto corresponde às condições e aos conhecimentos relevantes para a interpretação de determinada interação. A Memória Pragmática pode integrar o contexto quando experiências anteriores se tornam relevantes para a situação presente, mas não se confunde com o contexto em sua totalidade.

A distinção em relação ao *common ground* também é necessária. O conhecimento compartilhado pressupõe algum grau de compartilhamento ou de reconhecimento intersubjetivo. A Memória Pragmática não exige essa simetria. Um participante pode mobilizar uma experiência anterior que o outro não reconhece, não recorda ou interpreta de maneira diferente. A distinção em relação à memória da interação é igualmente importante. A memória da interação diz respeito à lembrança ou representação de acontecimentos comunicativos anteriores. A Memória Pragmática se refere ao momento em que essa experiência passa a desempenhar uma função interpretativa ou interacional no presente. Também é possível distinguir Memória Pragmática e histórico comunicativo. O histórico

comunicativo é mais amplo: corresponde à trajetória das experiências comunicativas anteriores. Nem tudo aquilo que integra essa trajetória será mobilizado em situações posteriores. A Memória Pragmática corresponde, portanto, à parcela dessa trajetória que se torna funcionalmente relevante para a interpretação ou para a organização de uma interação presente.

A categoria pode ser compreendida a partir de seis propriedades articuladas. A primeira é a historicidade, pois sua constituição depende de experiências anteriores. A segunda é a relacionalidade, porque parte dessas experiências pode ser produzida em relações comunicativas específicas. A terceira é a assimetria, pois diferentes participantes podem conservar e mobilizar versões distintas das experiências. A quarta é a seletividade, porque apenas algumas experiências permanecem relevantes. A quinta é a dinamicidade, porque novas interações podem confirmar, modificar ou reconfigurar experiências anteriores. A sexta é a funcionalidade pragmática, pois a experiência adquire interesse analítico quando participa da construção ou interpretação do sentido.

A Memória Pragmática também pode ser mobilizada de maneira explícita ou implícita. Ela é explicitamente mobilizada quando o participante faz referência direta a um acontecimento anterior, como em “você prometeu isso ontem”. É implicitamente mobilizada quando uma expressão, uma pausa, uma entonação ou uma forma de tratamento somente adquire determinado valor porque os participantes possuem uma trajetória comunicativa anterior. Essa dimensão implícita é especialmente importante para a análise pragmática. Os interlocutores não precisam dizer “estou interpretando isso com base no que aconteceu anteriormente”. A própria maneira de responder pode revelar que uma experiência anterior está sendo considerada.

É possível propor, provisoriamente, a expressão sedimentação pragmática para designar o processo pelo qual experiências comunicativas recorrentes podem se condensar em expectativas, referências e padrões de interpretação disponíveis para interações posteriores. O termo é empregado aqui como hipótese conceitual, e não como categoria empiricamente demonstrada. Sua investigação exigirá estudos futuros que acompanhem longitudinalmente relações comunicativas concretas. A proposta, portanto, não pretende substituir conceitos consolidados da Pragmática ou da Sociolinguística Interacional. A Memória Pragmática procura acrescentar uma dimensão temporal a conceitos já relevantes para compreender a construção do sentido. Ela busca explicitar aquilo que ocorre quando o contexto presente incorpora experiências de uma história comunicativa anterior.

6 ESCOLHAS METODOLÓGICAS

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa e interpretativista, compatível com seu objetivo de compreender como experiências comunicativas anteriores podem tornar-se relevantes na

interpretação de interações posteriores. A opção metodológica decorre da própria natureza do objeto. A proposta não consiste em medir a quantidade de lembranças, estabelecer frequências ou testar relações estatísticas, mas em interpretar os modos pelos quais a historicidade comunicativa pode ser reconhecida na organização discursiva e interacional dos sentidos.

Essa orientação encontra respaldo na própria concepção interacional mobilizada neste artigo. Albuquerque (2022) desenvolve sua discussão a partir de uma perspectiva que toma a interação como categoria analítica e enfatiza a construção situada dos sentidos. A interação, nessa perspectiva, não é apenas o cenário em que a linguagem acontece, mas um domínio em que os participantes negociam significados, enquadram acontecimentos e utilizam recursos contextualizadores.

O objeto analítico proposto para pesquisas futuras é o que se denomina, neste artigo, episódio interacional de mobilização do histórico comunicativo. Trata-se de um episódio em que seja possível identificar uma experiência comunicativa anterior e observar indícios de que ela participa da interpretação ou da organização da interação presente. A identificação de um episódio desse tipo exige, em primeiro lugar, alguma evidência de anterioridade comunicativa. Essa anterioridade pode aparecer por meio de referências explícitas, retomadas, alusões, expectativas ou formas de reconhecimento compartilhadas entre os participantes. Em segundo lugar, deve haver indícios de mobilização dessa experiência no presente. Em terceiro lugar, essa mobilização precisa desempenhar alguma função pragmática, como orientar uma inferência, produzir uma cobrança, sustentar uma expectativa, modificar um enquadre ou justificar uma resposta.

A análise pode considerar, ainda, a materialidade linguístico-discursiva do episódio, as pistas contextualizadoras utilizadas pelos participantes, os enquadres mobilizados, os posicionamentos assumidos e a história comunicativa relevante para a situação. Não se trata de reconstruir toda a biografia comunicativa dos participantes, mas de identificar quais elementos da trajetória anterior se tornam pertinentes para a interpretação do acontecimento presente.

A metodologia proposta também admite a análise de mobilizações explícitas e implícitas. Uma referência como “você falou isso ontem” constitui evidência mais direta da recuperação de uma experiência anterior. Em contrapartida, uma mudança de tom ou uma resposta aparentemente desproporcional pode exigir uma reconstrução interpretativa mais cuidadosa para compreender sua relação com experiências anteriores.

Entrevistas com participantes podem complementar esse tipo de análise, especialmente quando se busca compreender como os próprios interlocutores interpretam determinado episódio. Entretanto, mesmo nesse caso, a pesquisa não estaria “medindo” a memória. O interesse seria compreender como

os participantes representam sua própria trajetória interacional e como essas representações são mobilizadas para explicar sentidos produzidos em interações posteriores.

É importante destacar que o presente artigo não apresenta um corpus longitudinal constituído e analisado segundo esses procedimentos. Os episódios utilizados na seção seguinte são construções ilustrativas destinadas a demonstrar a operacionalidade conceitual da proposta. Eles não devem ser interpretados como dados empíricos nem como evidência de que a Memória Pragmática funciona de determinada maneira em todas as interações. Essa delimitação metodológica é necessária para preservar a natureza teórica do artigo. A contribuição pretendida consiste na proposição e delimitação do conceito, enquanto a validação empírica de seus diferentes aspectos constitui uma agenda para pesquisas posteriores.

7 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS EPISÓDIOS INTERACIONAIS

Os episódios apresentados nesta seção possuem caráter exclusivamente ilustrativo. Sua função é demonstrar como a noção de Memória Pragmática pode ser utilizada como ferramenta de interpretação, e não apresentar resultados de um corpus empírico. O objetivo é mostrar a diferença entre uma situação em que o sentido pode ser interpretado predominantemente a partir do contexto imediato e outra em que uma experiência anterior se torna necessária para compreender o valor pragmático da interação.

Considere-se o seguinte diálogo hipotético:

A: Você terminou o relatório?

B: Ainda não.

A: Você disse isso ontem também.

O primeiro enunciado de A pode ser compreendido, isoladamente, como pergunta sobre o estado de uma tarefa. A resposta de B fornece uma informação. Entretanto, o terceiro enunciado transforma a configuração pragmática da interação. A referência a “ontem” recupera uma experiência anterior e modifica o valor da pergunta inicial. O diálogo passa a envolver uma expectativa não cumprida e uma possível cobrança. Nesse episódio, a anterioridade comunicativa é explicitamente recuperada. A experiência anterior não é apenas lembrada: ela é utilizada para interpretar a situação presente. É justamente essa transformação da experiência em recurso de ação e interpretação que caracteriza, na proposta deste artigo, a Memória Pragmática.

Outro aspecto importante é que a experiência anterior funciona como referência para uma expectativa. A fala “você disse isso ontem também” sugere que a resposta atual é interpretada em relação a um padrão anterior. O participante não está avaliando apenas a resposta “ainda não”; está

avaliando sua repetição em relação a uma experiência anterior. A dimensão pragmática aparece, portanto, na relação entre passado e presente.

Considere-se agora uma situação diferente:

A: Tá bom.

B: Você ficou bravo?

A: Não. Por quê?

Em uma situação isolada, "tá bom" pode ser interpretado como concordância. Em uma relação específica, porém, os participantes podem ter desenvolvido uma maneira recorrente de usar essa expressão para indicar insatisfação ou encerramento de assunto. Se B reconhece essa utilização por experiências anteriores, a expressão adquire um valor pragmático que não depende exclusivamente de seu conteúdo convencional. Nesse caso, a Memória Pragmática atua por meio de uma pista contextualizadora cuja interpretação foi construída historicamente na relação. O interlocutor não precisa recuperar conscientemente uma lista de situações anteriores. Basta reconhecer a forma de uso e relacioná-la ao padrão interacional já conhecido.

O episódio também demonstra que a história comunicativa pode operar sem ser explicitamente mencionada. Não há uma frase como "naquela vez você falou assim". O passado está presente por meio da interpretação que os participantes atribuem à expressão.

Considere-se ainda uma situação de conflito:

A: Eu só fiz uma sugestão.

B: Você sempre fala assim quando quer criticar alguma coisa.

Aqui, o segundo participante relaciona o enunciado atual a um padrão anterior. A palavra "sempre" não precisa ser tomada literalmente como descrição quantitativa de todas as interações. Pragmaticamente, ela pode funcionar como avaliação de uma recorrência percebida. O participante interpreta a fala presente a partir de experiências anteriores. Esse exemplo permite observar também a assimetria. A pode não reconhecer o padrão identificado por B. Pode considerar que sua fala foi apenas uma sugestão. B, entretanto, mobiliza experiências anteriores para atribuir outro sentido ao acontecimento presente. A Memória Pragmática, portanto, não garante convergência interpretativa. Ela pode produzir justamente o contrário: divergência, negociação e conflito. Dois participantes podem possuir históricos comunicativos parcialmente diferentes ou interpretar os mesmos episódios de maneiras distintas.

Essa assimetria é particularmente importante para compreender situações em que os interlocutores discutem sobre o próprio passado da relação. Quando B afirma "você sempre fala assim", não está apenas interpretando a fala presente; está apresentando uma versão da história comunicativa.

A pode aceitar, rejeitar ou reformular essa versão. O passado torna-se, então, objeto de negociação no presente. A repetição também pode produzir aquilo que foi denominado neste artigo de sedimentação pragmática. Se determinado padrão aparece reiteradamente em uma relação, os participantes podem passar a reconhecê-lo de maneira relativamente imediata. Uma determinada expressão, pausa ou entonação pode adquirir valor específico porque experiências anteriores criaram uma expectativa de interpretação. Esse processo não deve ser compreendido como formação de uma regra rígida. O padrão pode ser interrompido, modificado ou reinterpretado. A sedimentação pragmática é, por definição, provisória e sujeita à transformação pela própria interação.

A relação com o *footing* também pode ser observada. Uma experiência anterior pode influenciar a maneira como um participante se posiciona diante de uma fala presente. Uma brincadeira anteriormente recorrente pode levar os interlocutores a assumir um enquadre informal; uma sequência de conflitos pode fazer com que uma fala neutra seja recebida com cautela; uma história de cooperação pode favorecer uma interpretação mais benevolente. Nesses casos, a experiência anterior não funciona como explicação única do comportamento. Ela participa da configuração interpretativa a partir da qual o participante avalia a situação. Essa observação é importante porque evita uma concepção determinista da Memória Pragmática. O passado não produz automaticamente um significado presente. Ele oferece recursos interpretativos que podem ser ativados, recusados ou reconfigurados de acordo com a situação. Também é possível que uma nova interação altere a interpretação de experiências anteriores. Um participante pode descobrir que aquilo que considerava uma brincadeira era, na verdade, uma crítica. Pode perceber que uma promessa anteriormente interpretada como sincera não possuía a mesma intenção. Pode reconstruir retrospectivamente uma situação à luz de acontecimentos posteriores.

A temporalidade da interpretação, portanto, funciona em duas direções. Experiências anteriores podem orientar a interpretação do presente, mas experiências presentes também podem modificar a maneira como experiências anteriores são compreendidas. Essa característica reforça a natureza dinâmica da Memória Pragmática. Ela não é um depósito estático de significados já definidos, mas um conjunto de recursos históricos que podem ser mobilizados e reconfigurados no curso das interações.

8 DISCUSSÃO: A HISTORICIDADE DA INTERPRETAÇÃO PRAGMÁTICA

A proposta de Memória Pragmática permite retomar o percurso desenvolvido ao longo do artigo e explicitar sua principal consequência teórica: a interpretação pragmática pode ser compreendida como situada, interacional e histórica. A Pragmática demonstrou que o sentido depende das circunstâncias de uso, das ações realizadas, das inferências e da relevância. A Sociolinguística Interacional mostrou que os participantes constroem sentidos por meio de enquadres, posicionamentos,

conhecimentos e pistas contextualizadoras. A proposta apresentada acrescenta que parte desses recursos pode ter sido constituída em interações anteriores. Essa formulação encontra uma base importante na discussão de Gumperz (1982) sobre as pistas contextualizadoras. O autor afirma que "seu peso interpretativo é muito maior que seu significado linguístico conforme medido pelas técnicas comuns da gramática contrastiva" (Gumperz, 1982, p. 150). A afirmação reforça que o valor interpretativo de uma manifestação não se esgota em seu significado linguístico convencional.

Se uma pista pode adquirir peso interpretativo no processo interacional, é possível considerar que a trajetória da relação entre os participantes contribua para esse processo. Uma determinada entonação pode adquirir valor particular porque já apareceu em situações semelhantes. Uma expressão pode funcionar como referência a um episódio conhecido. Um silêncio pode ser interpretado como desaprovação porque experiências anteriores produziram essa associação.

A Memória Pragmática permite nomear essa dimensão histórica do processo interpretativo. A incorporação dessa dimensão não significa substituir o contexto presente pelo passado. Ao contrário, a experiência anterior só adquire relevância quando é articulada à situação atual. O passado não explica sozinho o sentido do presente; ele pode participar da interpretação quando os participantes o mobilizam ou quando seus efeitos permanecem incorporados às expectativas e formas de reconhecimento utilizadas na interação. Pode-se, nesse sentido, compreender o contexto como temporalmente espesso. A interação presente possui circunstâncias próprias, mas essas circunstâncias podem ser interpretadas a partir de experiências anteriores. O contexto atual não é necessariamente um espaço sem história.

Essa concepção também permite compreender de maneira mais ampla os processos inferenciais. Gumperz (1982) caracteriza a inferência como processo de interpretação situado por meio do qual os participantes avaliam intenções e orientam suas respostas. A Memória Pragmática acrescenta a essa formulação a possibilidade de que parte dos recursos utilizados nessa avaliação seja constituída pela história comunicativa dos próprios participantes. Dois interlocutores podem interpretar a mesma fala de maneiras diferentes não apenas porque possuem conhecimentos gerais distintos, mas porque possuem histórias diferentes com aquele interlocutor. A diferença interpretativa pode ser produzida pela própria trajetória da relação. Essa dimensão também esclarece a diferença entre Memória Pragmática e *common ground*. O conhecimento compartilhado é importante para a coordenação comunicativa, mas a Memória Pragmática não exige simetria. Uma experiência pode orientar a interpretação de um participante sem produzir o mesmo efeito no outro. Essa assimetria pode gerar negociação. Os participantes podem discordar não apenas sobre o que está acontecendo, mas sobre o que aconteceu anteriormente e sobre o significado que aquele acontecimento deve possuir para o presente.

A memória, nesse sentido, também pode constituir objeto de disputa interpretativa. A relação entre Memória Pragmática e enquadres reforça a dimensão histórica da proposta. Goffman (1974) mostra que os participantes interpretam acontecimentos a partir de enquadres, enquanto Tannen e Wallat (1987) relacionam enquadres e esquemas de conhecimento. A Memória Pragmática acrescenta que experiências anteriores podem contribuir para a formação das expectativas por meio das quais determinadas situações são reconhecidas. Quando um interlocutor pensa "isso está acontecendo novamente", a interpretação presente já contém uma relação com o passado. O acontecimento atual não é reconhecido apenas por suas propriedades imediatas, mas também por sua semelhança percebida com experiências anteriores. Essa relação com a recorrência é especialmente relevante para a compreensão de expectativas. Uma expectativa não precisa resultar apenas de uma regra social geral. Pode resultar da experiência continuada com determinada pessoa.

Ao longo de uma relação, um participante pode aprender como o outro costuma concordar, discordar, brincar, ironizar, manifestar irritação ou encerrar uma conversa. Esse aprendizado pode ocorrer sem formulação consciente e pode tornar-se parte da competência utilizada para interpretar a interação. Nesse sentido, a Memória Pragmática permite acrescentar uma dimensão histórica à competência interacional. A competência não consiste apenas em conhecer normas gerais de uma comunidade, mas pode incluir conhecimentos construídos no contato continuado com interlocutores específicos.

Essa dimensão é compatível com a compreensão de competência interacional discutida por Albuquerque (2022), para quem a construção de sentidos ocorre conjuntamente em práticas discursivas situadas. A história da participação em determinadas relações pode constituir um componente relevante dessa competência, especialmente quando determinadas formas de interpretar e responder são desenvolvidas no decorrer da experiência. É importante, entretanto, evitar uma interpretação determinista. O passado não determina necessariamente o presente. Uma expectativa pode ser contrariada. Um padrão pode desaparecer. Um interlocutor pode agir de maneira inesperada. Uma forma anteriormente associada a determinado sentido pode adquirir outro valor.

A Memória Pragmática deve ser entendida, portanto, como recurso interpretativo potencial e não como mecanismo causal rígido. Essa característica permite compreender também a direção inversa da relação temporal. O presente pode modificar o passado. Uma nova experiência pode levar um participante a reinterpretar acontecimentos anteriores. Aquilo que era entendido como brincadeira pode posteriormente ser reconhecido como crítica. Uma promessa antes considerada sincera pode ser reinterpretada depois de acontecimentos posteriores. Uma relação anteriormente percebida como cooperativa pode passar a ser compreendida de outra maneira.

A memória pragmática é, portanto, dinâmica porque o passado pode ser atualizado pela experiência presente. Essa característica distingue a proposta de uma concepção arquivística da memória. Não se trata de imaginar que o passado permaneça intacto e seja simplesmente recuperado. O que se mobiliza em uma interação presente é uma experiência anterior já situada em uma nova configuração interpretativa. A principal contribuição do conceito está, portanto, na explicitação da historicidade da interpretação pragmática. A interpretação é situada porque ocorre em circunstâncias concretas. É interacional porque envolve participantes que constroem e negociam sentidos. É inferencial porque ultrapassa frequentemente o conteúdo explicitamente produzido. E é histórica porque pode incorporar experiências comunicativas anteriores.

A Memória Pragmática nomeia essa quarta dimensão. Essa proposta não pretende substituir o contexto, o *common ground*, os enquadres, os *footings* ou as pistas contextualizadoras. Ao contrário, procura mostrar como essas dimensões podem ser atravessadas pela trajetória comunicativa dos participantes. A pergunta que orientou o artigo — como o passado se torna discursivamente relevante no presente? — pode agora ser respondida de forma mais precisa. O passado torna-se relevante quando uma experiência comunicativa anterior é mobilizada pelos participantes e passa a desempenhar alguma função na interpretação, na avaliação, na expectativa ou na organização da ação presente.

A Memória Pragmática não é, portanto, simplesmente aquilo que os participantes lembram. É aquilo que, de suas experiências comunicativas anteriores, pode tornar-se pragmaticamente relevante para aquilo que acontece agora. Essa formulação permite compreender a interação como processo que simultaneamente produz novidade e mobiliza continuidade. O presente não é mera repetição do passado, mas também não precisa ser concebido como acontecimento completamente desvinculado dele.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo partiu da constatação de que a interpretação pragmática não ocorre em um espaço desprovido de história. Os participantes chegam às interações trazendo conhecimentos, expectativas e experiências construídas ao longo de suas trajetórias comunicativas. Embora a Pragmática e a Sociolinguística Interacional ofereçam importantes instrumentos para compreender a construção situada dos sentidos, a dimensão histórica dessas experiências pode ser explicitada de maneira mais sistemática.

A partir da articulação entre autores da Pragmática, como Austin, Searle, Grice, Levinson, Sperber e Wilson, Stalnaker e Clark, e autores vinculados às perspectivas interacionais, como Goffman,

Tannen e Wallat, Goodwin e Duranti, Gumperz, Hymes e Albuquerque, propôs-se o conceito de Memória Pragmática.

A categoria foi definida como o conjunto de experiências comunicativas anteriormente vivenciadas pelos interlocutores e das representações, expectativas, referências e padrões interacionais que delas podem decorrer e ser mobilizados na construção e interpretação de sentidos em interações posteriores.

A definição procura estabelecer uma distinção importante entre Memória Pragmática, contexto, *common ground*, memória da interação e histórico comunicativo. O contexto corresponde às condições relevantes para a situação presente; o *common ground* envolve conhecimentos e pressupostos tratados como compartilhados; a memória da interação diz respeito às lembranças ou representações de acontecimentos anteriores; e o histórico comunicativo corresponde à trajetória das experiências comunicativas. A Memória Pragmática, por sua vez, refere-se à mobilização funcional dessas experiências anteriores na interpretação ou organização da interação presente.

Essa distinção permite compreender por que uma experiência pode ser pragmaticamente relevante sem ser necessariamente compartilhada. Um participante pode mobilizar determinada experiência que o outro não recorda ou interpreta de outra maneira. A Memória Pragmática pode, portanto, ser assimétrica, seletiva e relacional.

O artigo também procurou demonstrar que a dimensão histórica não deve ser interpretada de maneira determinista. Experiências anteriores podem orientar expectativas, mas não determinam necessariamente interpretações futuras. Novas interações podem confirmar, frustrar ou modificar expectativas previamente constituídas. O presente pode, inclusive, reconfigurar a interpretação de acontecimentos anteriores.

A proposta de sedimentação pragmática foi apresentada nesse sentido como hipótese analítica provisória. Experiências comunicativas recorrentes podem tornar-se recursos interpretativos relativamente estabilizados, mas esses recursos permanecem sujeitos à transformação no curso da interação. A investigação empírica dessa hipótese constitui uma das possibilidades de desenvolvimento futuro do conceito.

Do ponto de vista metodológico, o estudo assumiu uma perspectiva qualitativa e interpretativista. A Memória Pragmática não foi tratada como módulo psicológico ou neurológico diretamente observável. O objeto proposto para investigação é constituído pelos indícios discursivos e interacionais de que experiências anteriores estão sendo mobilizadas na construção do sentido.

Os episódios apresentados na análise foram, por isso, explicitamente tratados como ilustrativos e heurísticos. Eles não constituem evidências empíricas provenientes de um corpus longitudinal. Sua

função foi demonstrar como a categoria pode ser aplicada à interpretação de situações em que referências, expectativas, padrões ou pistas construídas historicamente participam da interação presente.

A principal contribuição teórica do artigo está, assim, na explicitação da historicidade da interpretação pragmática. A interpretação pode ser situada porque depende das condições presentes; interacional porque é construída entre participantes; inferencial porque envolve processos que ultrapassam o conteúdo explicitamente produzido; e histórica porque pode incorporar experiências comunicativas anteriores.

Até onde permite verificar a literatura mobilizada neste estudo, a contribuição pretendida está menos na simples combinação dos termos "memória" e "pragmática" do que na sistematização de uma arquitetura conceitual específica para compreender a função que experiências comunicativas anteriores podem desempenhar na interpretação presente.

A partir dessa proposta, abre-se uma agenda de investigação empírica que poderá examinar relações comunicativas continuadas, processos de conflito e reparação, ironia, humor, negociação, intimidade, relações profissionais e outras situações em que o histórico comunicativo parece exercer influência significativa sobre a interpretação. Estudos longitudinais poderão investigar como determinadas experiências se tornam recorrentes, como expectativas se consolidam e como novos acontecimentos reconfiguram padrões anteriormente estabelecidos.

O conceito proposto também poderá ser confrontado com diferentes formas de assimetria. Será necessário investigar situações em que os interlocutores compartilham uma história, mas atribuem sentidos diferentes a ela, bem como situações em que apenas um participante mobiliza determinada experiência como recurso interpretativo.

Essas possibilidades não diminuem o caráter provisório da proposta; ao contrário, fazem parte de sua natureza teórica. O objetivo deste artigo não foi encerrar a discussão sobre memória e pragmática, mas oferecer uma categoria capaz de tornar mais visível uma dimensão temporal que frequentemente permanece implícita na análise da interação.

A Memória Pragmática, nesse sentido, permite compreender que os participantes não interpretam apenas aquilo que acontece diante deles. Em determinadas circunstâncias, interpretam também aquilo que acontece agora à luz daquilo que já aconteceu entre eles. Interpretar o presente é, em determinadas circunstâncias, interpretar também à luz daquilo que já aconteceu entre os participantes.

REFERÊNCIAS

Albuquerque, Rodrigo. Entre O Comunicar E O Interagir: Contribuições Epistêmicas Da Sociolinguística Interacional Para A Linguística Textual. *Revista De Letras*, Fortaleza, V. 41, N. 1, P. 139-154, Jan./Jun. 2022. Doi: 10.36517/Revletras.41.1.10.

Austin, John Langshaw. *How To Do Things With Words*. Oxford: Clarendon Press, 1962.

Clark, Herbert H. *Using Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

Goffman, Erving. The Neglected Situation. *American Anthropologist*, V. 66, N. 6, Parte 2, P. 133-136, 1964.

Goffman, Erving. *Interaction Ritual: Essays On Face-To-Face Behavior*. Chicago: Aldine, 1967.

Goffman, Erving. *Frame Analysis: An Essay On The Organization Of Experience*. New York: Harper & Row, 1974.

Goffman, Erving. Footing. In: Ribeiro, Branca Telles; Garcez, Pedro M. (Org.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002. P. 107-148. Original Publicado Em 1979.

Goffman, Erving. The Interaction Order: American Sociological Association, 1982 Presidential Address. *American Sociological Review*, V. 48, N. 1, P. 1-17, 1983.

Goodwin, Charles; Duranti, Alessandro. Rethinking Context: An Introduction. In: Duranti, Alessandro; Goodwin, Charles (Ed.). *Rethinking Context: Language As An Interactive Phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. P. 1-42.

Grice, H. Paul. Logic And Conversation. In: Cole, Peter; Morgan, Jerry L. (Ed.). *Syntax And Semantics: Speech Acts*. New York: Academic Press, 1975. V. 3, P. 41-58.

Gumperz, John J. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

Hymes, Dell. Introduction: Toward Ethnographies Of Communication. *American Anthropologist*, V. 66, N. 6, P. 1-34, 1964.

Hymes, Dell. Models Of The Interaction Of Language And Social Life. In: Gumperz, John J.; Hymes, Dell (Ed.). *Directions In Sociolinguistics: The Ethnography Of Communication*. New York: Holt, Rinehart And Winston, 1972a.

Hymes, Dell. On Communicative Competence. In: Pride, John B.; Holmes, Janet (Ed.). *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin Books, 1972b.

Levinson, Stephen C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

Searle, John R. *Speech Acts: An Essay In The Philosophy Of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

Sperber, Dan; Wilson, Deirdre. *Relevance: Communication And Cognition*. Oxford: Blackwell, 1986.

Stalnaker, Robert C. Assertion. In: Cole, Peter (Ed.). *Syntax And Semantics: Pragmatics*. New York: Academic Press, 1978. V. 9, P. 315-332.

Tannen, Deborah; Wallat, Cynthia. Interactive Frames And Knowledge Schemas In Interaction: Examples From A Medical Examination/Interview. *Social Psychology Quarterly*, V. 50, N. 2, P. 205-216, 1987.